

O LUGAR DA
SUBJETIVIDADE
NO ENSINO DA
LÍNGUA(GEM)

PASCOALINA BAILON DE OLIVEIRA SALEH
TEREZINHA DA CONCEIÇÃO COSTA-HÜBES
(ORGANIZADORAS)

O LUGAR DA
SUBJETIVIDADE
NO ENSINO DA
LÍNGUA(GEM)

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O lugar da subjetividade no ensino da linguagem / Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh, Terezinha da Conceição Costa-Hübes, (organizadoras). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2018.

Vários autores.

Bibliografia

ISBN 978-85-7591-517-2

1. Linguagem e línguas – Estudo e ensino 2. Linguística 3. Psicologia educacional 4. Subjetividade I. Saleh, Pascoalina Bailon de Oliveira. II. Costa-Hübes, Terezinha da Conceição.

18-14563

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Subjetividade no ensino da linguagem : Educação 370.71

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final dos autores
bibliotecária: Maria Alice Ferreira CRB-8/7964

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

ABRIL / 2018

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

METASOLUTIONS GRÁFICA

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO7

Capítulo 1

SUBJETIVIDADE, ALTERIDADE E IDENTIDADE
NO PROCESSO DE “FORMAR-SE” PROFESSOR
DE LÍNGUA PORTUGUESA.13

Nívea Rohling

Capítulo 2

A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE
DO SUJEITO NA RELAÇÃO
PROFESSOR-ALUNO.47

Terezinha da Conceição Costa-Hübes e

Leliane Regina Ortega

Capítulo 3

INDÍCIOS DE SUBJETIVIDADE EM
REDAÇÕES DO VESTIBULAR DA UNIOESTE75

Carmen Teresinha Baumgärtner

Capítulo 4

A ESCRITA E A PONTUAÇÃO NA BNCC:

UM LUGAR PARA A SUBJETIVIDADE?105

Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh

Capítulo 5

A ESCRITA DA CRIANÇA: DA PALAVRA

ALHEIA À PALAVRA PRÓPRIA133

Cristiane Carneiro Capristano

Capítulo 6

A FALÁCIA DO GOSTO: EM DEFESA

DO ENSINO DE LITERATURA165

Rosana Apolonia Harmuch

APRESENTAÇÃO

O Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa tem como área de concentração Linguagem, identidade e subjetividade, a partir da qual se orientam as pesquisas desenvolvidas em seu contexto, distribuindo-as em duas Linhas, mais especificamente: “Subjetividade, texto e ensino” e “Pluralidade, identidade e ensino”. O objetivo do Programa é estudar a linguagem em suas práticas sociais reais – incluindo as (re)criadas literariamente – procurando articular ao debate epistemológico e metodológico questões que emergem do uso efetivo da língua. Defende-se, nesse âmbito, a necessidade de investigar a subjetividade presente no uso da linguagem e, por outro, como os indivíduos se revelam e negociam suas participações em e seu pertencimento a determinados grupos sociais pelo exercício da linguagem.

Assim, uma das principais preocupações do Programa é promover estudos e reflexões voltados para a compreensão da constituição da(s) identidade(s) e da subjetividade, sem perder de vista sua relação com os diferentes usos da linguagem. A esse compromisso se alia o propósito de dialogar com as questões que essa relação suscita no âmbito do ensino de língua(gem),

seja refletindo sobre a atual realidade do campo, seja propondo alternativas para a efetivação de um ensino a ela sensível.

De tal interesse nasceu a proposta deste livro que procura articular os propósitos teóricos do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (UEPG) com outros Programas de Pós-graduação na área de Letras do Estado do Paraná, na perspectiva de alavancar um diálogo sobre o tema O lugar da subjetividade no ensino da língua(gem).

Discutir a subjetividade significa projetar-se para os desafios epistemológicos e metodológicos que a complexidade desse tema impõe, em suas diferentes possibilidades de tratamento. Todavia, nesta obra, nos referimos àquelas com as quais os textos que compõem esta coletânea dialogam mais de perto.

Na perspectiva da Psicologia histórico-cultural, por exemplo, defende-se que o homem constitui sua subjetividade mediante o processo de apropriação dos conhecimentos construídos historicamente, a partir dos quais desenvolve suas funções psicológicas superiores, tais como raciocínio lógico, pensamento abstrato, capacidade de planejamento, entre outras funções. No campo da filosofia da linguagem, dentro dos estudos bakhtinianos, entende-se que toda manifestação discursiva é marcada pela subjetividade daquele que enuncia, se manifesta, dialoga e se posiciona. Todavia, para compreendê-la é preciso buscar a sua materialização na linguagem. Já na psicanálise lacaniana, entende-se que o sujeito se constitui na relação com o Outro, intermediada pela linguagem. Essa relação estrutura o inconsciente e promove a organização subjetiva. Assim, a subjetividade não exclui o consciente, mas é regida primordialmente pelo funcionamento do inconsciente, a partir do qual se constitui o mundo do sujeito. No discurso, o corte entre consciente e inconsciente se realiza na divisão entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação. Essa forma de pensar a subjetividade é uma das referências da perspectiva interacionista em aquisição da linguagem de Cláudia Lemos, para quem a aquisição é um processo de subjetivação que se dá na relação

da criança com o outro, com a língua e com ela própria, processo que é concebido como mudanças de posição da criança numa estrutura que tem esses três elementos como polos.

E já que o termo “subjetividade” tem sido rememorado constantemente em diferentes áreas do conhecimento, e também convocado em documentos oficiais de ensino, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná, pretendemos, por meio dos capítulos que se apresentam nesta obra, promover reflexões sobre esse conceito, estabelecendo relações com diferentes visões de sujeito, de forma a explicitar suas possibilidades e limites dentro do campo de ensino da língua(gem).

Com esse propósito, nos seis capítulos que organizam a coletânea, ora discute-se sobre os conceitos “subjetividade”, “alteridade” e “identidade” e suas relações com a formação de professores e com o ensino de língua portuguesa ou de literatura; ora busca-se pensar a prática de escrita fazendo intervir um ou mais desses três conceitos.

No primeiro capítulo, intitulado *Subjetividade, alteridade e identidade no processo de “formar-se” professor de Língua*, a autora, que sustenta suas reflexões na concepção dialógica da linguagem, apresenta uma análise de produções discursivas de graduandos de um curso de Licenciatura Letras-Português na modalidade a distância de uma universidade pública do sul do Brasil. A análise evidencia os modos como esses sujeitos vão, ao longo da formação inicial na modalidade EaD, constituindo uma identidade docente. Inicialmente, apresentam uma concepção canônica em relação ao curso de Letras, tendo como parâmetro uma perspectiva de formação erudita. No entanto, a partir das interações sociodiscursivas, na aula virtual, os sujeitos mostram uma assimilação de uma concepção mais situada e integrada às recentes concepções de formação de professores para Educação Básica.

No segundo capítulo, cujo título é *A constituição da identidade do sujeito na relação professor-aluno*, as autoras se propõem a refletir, pautadas também nos pressupostos bakhtinianos, sobre a incompletude do sujeito e sua constituição identitária na relação com o outro. Os sujeitos em foco são, portanto, o(a) professor(a) e o(a) aluno(a) e as relações dialógicas estabelecidas na sala de aula. Nessa perspectiva, levantam os seguintes questionamentos: ao nos colocarmos no lugar do “outro”, que papel desempenhamos “como professor(a)” na constituição da identidade do(a) aluno(a)? E como ele(a) (esse “outro”) nos constitui como sujeitos? Qual é nosso excedente de visão em relação a este “outro” (aluno(a))? O objetivo é refletir sobre a formação da identidade do sujeito e o princípio da alteridade, e relacionar tais conceitos teóricos com o fazer docente na sala de aula e suas implicações na formação da identidade dos sujeitos envolvidos.

No terceiro capítulo – *Indícios de subjetividade em redações do vestibular da Unioeste* – a autora, também em diálogo com estudos bakhtinianos e com a psicologia histórico-cultural, problematiza a seguinte questão: como o vestibulando se relaciona com a linguagem na redação? Na perspectiva de encontrar resposta(s) a esse questionamento, analisa indícios de subjetividade em duas redações do vestibular da UNIOESTE/PR, observando o trabalho que os sujeitos autores fazem com a linguagem e com o outro, à medida que precisam mobilizar sentidos para atenderem ao solicitado pela prova de redação.

No quarto capítulo – *A escrita e a pontuação na BNCC: um lugar para a subjetividade?* – a autora se volta para a concepção de escrita e de pontuação que prevalece na versão da Base Nacional Comum Curricular – BNCC –, apresentada ao CNE no primeiro semestre de 2017, a fim de verificar se esse documento contribui para o reconhecimento da especificidade do modo de enunciação escrito, procurando, ainda, observar os pontos de convergência e/ou divergência entre a BNCC e os Parâmetros Curriculares Nacionais. Assume que o ritmo orga-

niza o discurso e que, no escrito, essa organização envolve os recursos específicos da escrita, iniciando uma subjetividade na linguagem que, portanto, só pode ser constituída na/pela escrita. Uma vez que não há no documento uma preocupação em conceituar ou caracterizar esse modo de enunciação, a análise se volta para a abordagem da pontuação, da qual se pode depreender a sua visão de escrita.

No quinto capítulo, por sua vez, intitulado *A escrita da criança: da palavra alheia à palavra própria*, discute-se a questão da subjetividade na aquisição da escrita, por um lado, fazendo uma problematização a respeito da dependência dessa noção a uma forma particular de entender a criança, o outro, a escrita e a relação entre eles; e, por outro lado, recorrendo a uma exemplificação de como relações com a alteridade se manifestam em enunciados escritos por crianças em contextos institucionais de ensino e de aprendizagem da chamada língua materna. Essa exemplificação é feita por meio da análise de alguns fragmentos da escrita da criança ligados à distribuição de espaços em branco entre palavras, especialmente, rasuras ligadas à segmentação e segmentações não convencionais nomeadas como mesclas, híbridos ou mistos.

No sexto e último capítulo, cujo título é *A falácia do gosto: em defesa do ensino de literatura*, a autora faz uma breve recuperação histórica do conceito de subjetividade para confrontá-lo com as funestas consequências de entendê-lo a partir de noções oriundas do senso comum. O objetivo é refletir a respeito do ensino de literatura, muitas vezes associado de forma simplista ao atendimento do gosto do aluno, e sobre como todos os envolvidos – professores, discentes e comunidade – têm a ganhar com uma concepção mais sólida das funções da escola e da universidade nesse processo. Para exemplificar a permanência das dificuldades encontradas, são trazidos para discussão dois textos produzidos em períodos distintos: um artigo de José Paulo Paes, do final da década de 1980, e uma tese de doutorado, defendida em 2013. A autora chama a atenção, ain-

da, para as também funestas consequências de uma concepção idealizada de leitor, de leitura e de literatura.

Como se vê, os capítulos contemplam objetos de análise e/ou de reflexão diversificados. Esperamos que, além dos diferentes conceitos de subjetividade mobilizados ao longo na coletânea, as discussões possam contribuir para situar e problematizar essa noção e aquelas a ela relacionadas, tais como identidade e alteridade, bem como as suas implicações para o ensino da língua(gem).

*Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh
Terezinha da Conceição Costa-Hübes*